



“A maior covardia de um homem é despertar o amor de uma mulher sem ter a intenção de amá-la.”
Bob Marley (1945-1981)



“Tudo é bom quando é EXCESSIVO.”
Marquês de Sade (1740-1814)

Quanto vale um sentido de interpretação

Mário Duque
Arquitecto

“WALKING Macao, Reading the Baroque”, de Jeremy Tambling e Louis Lo, é um ensaio ambicioso, patrocinado pelo Instituto Cultural da RAEM, sobre manifestações arquitectónicas reunidas em Macau ao longo de muitos anos de história e de desenvolvimento urbano.

Muito embora os autores apresentem a obra como um itinerário, trata-se de um itinerário bastante diferente de outros dirigidos aos visitantes de Macau, porque recusa os trilhos habituais, a estratégia que anima locais interessados apenas em fomentar consumo em prejuízo da compreensão desses locais e porque investiga para além do que é reconhecido oficialmente por património arquitectónico, nomeadamente os quadros mentais ou as mentalidades que possam ter operado essas manifestações arquitectónicas.

A primeira impressão que pode assolar o leitor familiarizado com Macau é ver Macau revelado como uma cidade barroca na forma de alegoria, na medida em que o reporte histórico é antes que o aglomerado português na China conheceu altos e baixos no seu estabelecimento, foi objecto de negociações delicadas e até obrigado a alguns restrições.

Tais circunstâncias dificilmente sugerem que esse aglomerado na China pudesse estar em posição de poder dar voz alta uma estética barroca contemporânea, cuja impressão visual não é nivelada em sinais, não é subtil em estimulação e não é inconsequente no seu alcance.

O barroco é uma estética concentrada em elocução onde a retórica e os efeitos especiais têm papel preponderante. Para tanto, o receptor necessita de estar em capacidade de apreender os termos que o discurso articula ou, pelo menos, estar disponível para se render a toda a estimulação sensorial e participar na condução do discurso. Se isso não acontecer, o discurso necessariamente falha em alcançar o receptor.

A estratégia da estética barroca pode recorrer a estimulações particularmente intensas e, se não impressionarem o receptor da forma pretendida, as apreciações podem ser imprevisíveis ou sequer desejadas.

O discurso barroco é programático, tem uma agenda a executar e resultados a alcançar, nomeadamente a resposta do receptor por via da sua participação. Se a agenda for ideológica, a resposta que é esperada é necessariamente de adesão.

Por isso, o enquadramento negocial do estatuto de Macau antes explica a razão porque, em Macau, não se tenham realizado



“Foi possível, num curto espaço de tempo, [Macau] libertar-se da ideia de um obscuro reduto colonial ainda munido de um extenso acervo arquitectónico de relevância cultural, para abraçar a ideia de um protectorado extravagante de património cultural e de encontro entre culturas, se bem que hoje em dia essas culturas transmitem muito pouco entre si e apenas só algum acervo arquitectónico de relevância cultural sobrevive ao desenvolvimento urbano da região”

obras com a mesma extravagância barroca como em outros aglomerados ocidentais estabelecidos na Ásia, nomeadamente nas Filipinas de matriz espanhola, ou na Índia de matriz portuguesa.

Para o facto contribuem também as teses sobre a impressão que a estética europeia barroca pudesse ter causado na China à mesma data, teses que variam de uma simples falta de interesse que essa estética nutria no País do Meio à rejeição, porque suscitava uma apreciação maléfica.

O exemplo recorrente é o pintor e missionário jesuíta Giuseppe Castiglione (1688-1766), treinado em Itália como pintor na estética do seu tempo, enviado para Macau pela Igreja Católica e mais tarde aceite na corte imperial em Pequim como pintor

oficial de craveira, que não fazia uso da mesma extravagância visual do tempo em que foi treinado.

Por isso, a hipótese de que a assemblagem urbanística realizada em Macau poderá ter querido alcançar controlo e poder triunfal, espiritual ou ideológico, ou que nesse respeito se possa aprender com a estética barroca desenvolvida em Macau, é um modelo de explicação que poderá ter encontrado alguns compromissos durante a sua aplicação.

Outros aspectos fortes do livro é aderir à abordagem contemporânea que a estética da manipulação visual e espacial não é exclusiva da arte ao tempo do barroco e que o barroco poderá sequer ser um conceito exclusivo da civilização ocidental, por muito

que tendencialmente associamos barroco a dialécticas dinâmicas cuja matriz é muito do pensamento ocidental.

Manifestações estéticas de índole barroca emergiram efectivamente no Ocidente em outros períodos da História, em correspondência a estados de espírito semelhantes, tais como a era romântica, de certa forma a era impressionista e ostensivamente a era Pós-moderna.

É através da Pós-modernidade que as gerações actuais se relacionam com o fenómeno, nomeadamente na qualidade de participantes, como é essencial, não apenas como meros observadores.

Contudo, estas são manifestações que não existem apenas no plano estético, nem são apenas resultado de estados de espírito porque, para se espoletarem, é essencial um discurso programático como veículo ou como elemento de ligação, ou seja, uma estrutura de interpretação.

Quem tenha passado por perto da geração da arquitectura contemporânea de Macau que ilustra o roteiro “Walking Macao, Reading the Baroque”, não deixará de notar que a génese dessa arquitectura poderá não ter estado vinculada, nem tido oportunidade, para incorporar ou servir um discurso programático nos termos sustentados pela estrutura de interpretação daquele roteiro.

Mas é nesse ponto que é possível rendermo-nos à evidência que uma estrutura de interpretação de uma cidade pode ser muito mais eloquente que o próprio texto

“O enquadramento negocial do estatuto de Macau antes explica a razão porque, em Macau, não se tenham realizado obras com a mesma extravagância barroca como em outros aglomerados ocidentais estabelecidos na Ásia”

da cidade em si, o qual, sem essa estrutura de interpretação, antes se afiguraria solto, ténue, senão mesmo perdido.

Nesta linha de pensamento, Macau poderá ser o objecto de estudo onde a contemplação da mesma substância urbana, só por via de interpretação, foi possível, num curto espaço de tempo, libertar-se da ideia de um obscuro reduto colonial ainda munido de um extenso acervo arquitectónico de relevância cultural, para abraçar a ideia de um protectorado extravagante de património cultural e de encontro entre culturas, se bem que hoje em dia essas culturas transmitem muito pouco entre si e apenas só algum acervo arquitectónico de relevância cultural sobrevive ao desenvolvimento urbano da região.

Até o facto da economia da região se basear na indústria de jogos de fortuna e de azar poderá não retirar valor se for possível encontrar o discurso adequado, igualmente por via de elaboração e de interpretação.

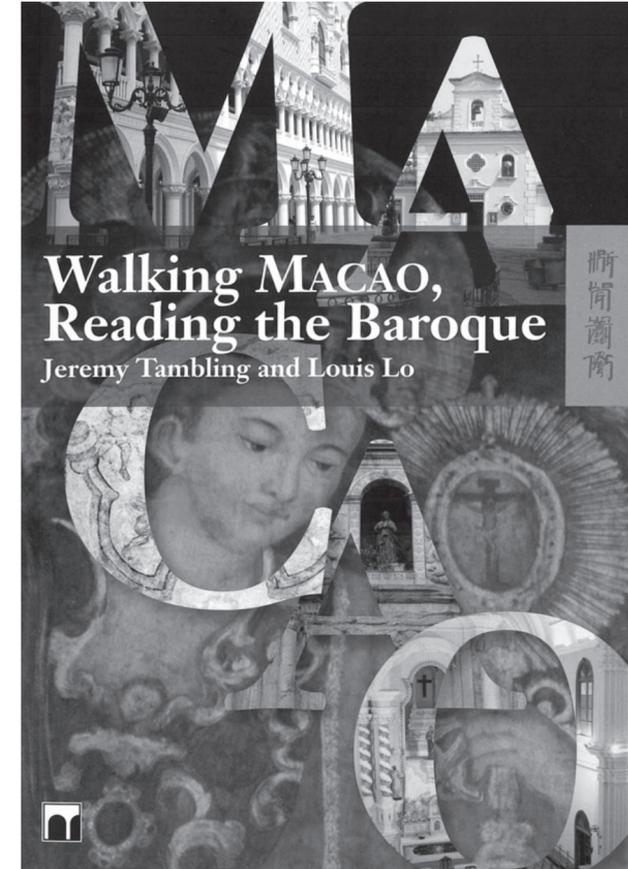
Em “Walking Macao, Reading the Baroque”, o leitor é convidado a visitar Macau, mas a conjugação dos locais desse itinerário, dispersos no tempo e no espaço, assim como necessidade de aceder a todas as referências bibliográficas e imagéticas a ter em consideração na interpretação dos exemplos arquitectónicos, esse convite poderá ser antes metafórico, senão mesmo um prolongamento virtual a partir de uma consola, que é a forma de resolver hoje em dia a acessibilidade e a também a forma como se processa grande parte do nosso conhecimento do mundo.

Assim, os lugares desse itinerário, como metáforas, funcionam necessariamente como representações e o itinerário, como um guião de interpretação.

Nessa altura o leitor provavelmente surpreender-se-á como uma montagem urbanística metafórica é também susceptível de transmitir uma ideia igualmente articulada de urbanismo.

Mas urbanismo metafórico também não é novidade na história das cidades, nomeadamente em períodos quanto urbanismo serviu ideologias.

O plano de Sisto V para Roma serviu a Contra-Reforma da Igreja. A arquitectura racionalista de Speer serviu a fantasia nacionalista da Alemanha nazi. Mais recentemente, o presidente Mitterrand celebrou os 200 anos da Revolução Francesa estendendo e completando o eixo de Paris com um terceiro arco monumental, porque a revolução francesa se exprime em três ideias (se bem que ao primeiro arco nunca



“É importante que as cidades tenham uma estrutura de interpretação segura, um fio condutor, para enquadramento do seu desenvolvimento urbano”

alguém chamou Liberté, ou ao segundo alguém alguma vez chamou Egalité). Mas são todos exemplos de configuração da cidade por via de elaborados discursos metafóricos.

Reunir arquitectura por via de interpretação, usar arquitectura existente em outros contextos, não necessariamente relacionados

com o original, serve ideologias e é caminho para realizações e supressões arquitectónicas, no sentido de assegurar, reforçar ou completar, com eficiência as partes e as ligações do discurso.

Como o urbanismo metafórico poderá servir a sociedade contemporânea, especial-

mente quando ideologia já não é o ponto forte dessa sociedade, será possivelmente a pergunta pertinente.

Reconhecendo-se que a matriz psicológica das sociedades contemporâneas é cada vez mais modelada por mecanismos de gratificação, se aí reside alguma analogia na estrutura de interpretação dos aglomerados urbanos contemporâneos, será possivelmente essa a verificação pertinente.

O reconhecimento é que “resorts”, condomínios privados e toda a montagem inerente aos centros comerciais, assim como parques temáticos e centros culturais constituem estratégias de interpretação com um elevado e óbvio alcance de gratificação.

Neles, o receptor necessita igualmente de estar em capacidade de apreender os termos que o roteiro articula ou, pelo menos, estar disponível para se render a toda a estimulação sensorial, para participar na condução desse guião. Se isso não acontecer, o discurso necessariamente falha em alcançar o receptor e a estratégia perde um cliente.

Por isso, lugares mais interessados em atrair consumo, ou lugares mais interessados em atrair compreensão, ambos servem um sentido de gratificação ao receptor, sendo apenas diferentes nos segmentos de mercado para que apontam.

Em “Walking Macao, Reading the Baroque”, o leitor poderá eventualmente não concordar inteiramente com o alcance e as intensidades da interpretação urbana dedicada a Macau, mas não deixará de observar quanto é importante que as cidades tenham uma estrutura de interpretação segura, um fio condutor, para enquadramento do seu desenvolvimento urbano, não deixará de avaliar da potencialidade dos recursos e dos expedientes que um estrutura de interpretação pode operar na orientação dos aglomerados urbanos e não deixará de compreender como um sentido de ética e de pensamento crítico são essenciais prevalecer na modelação de uma estrutura de interpretação urbana.

Urbanização ainda é uma prioridade das administrações públicas, independentemente da extensão em que as administrações públicas recorrem, ou se suportam, nos sectores privados.

Por isso, decisões de base competem aos políticos e aos administradores públicos, mais do que aos arquitectos ou aos urbanistas, cuja capacidade e treino, como a História explica e a prática revela, permite servir estratégias urbanas de muitas orientações diferentes.